

Uma engenhosa empreitada: a tradução de um trecho de *Don Quijote de la Mancha*

Carolina Carvalho Prola¹

Resumo: O presente trabalho teve por objetivo realizar uma análise comparativa entre um trecho de duas traduções da obra *Dom Quixote de la Mancha*, do espanhol Miguel de Cervantes. Para tanto, utilizaram-se duas traduções de um trechodo primeiro capítulo do livro, realizadas pelo tradutor e escritor Ernani Ssó e pela autora este artigo. Este foi produto de uma atividade avaliativa de uma disciplina da graduação. Como base teórica, foram utilizados textos sobre competência tradutória e modelos de leitura. Foi constatado que a tradução depende não só dos recursos que utiliza o tradutor para realizar seu trabalho, mas também muito de seu conhecimento de mundo e experiência pessoal são acionados durante o trabalho.

Palavras-chave: Dom Quixote, tradução, competência tradutória, análise comparativa.

Introdução

O presente trabalho propõe uma análise de duas traduções de um trecho do primeiro capítulo de *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* (1605, primeira parte; 1615, a segunda parte), do espanhol Miguel de Cervantes (1547 – 1616), buscando refletir sobre as decisões tomadas pelos tradutores destas. O capítulo selecionado versa sobre quem foi, o que fazia, do que vivia a personagem-título e de como ela enlouqueceu lendo romances de cavalaria. O trecho selecionado, por tratar-se da descrição de comidas, vestimentas, com pitadas generosas de elementos anacrônicos, apresenta diversas dificuldades de tradução.

Para traduzir um texto de qualquer área de conhecimento, é necessário possuir certas habilidades. Existe uma ideia geral de que para se traduzir basta conhecer uma língua estrangeira e iniciar o trabalho. Porém, é por ideias equivocadas como essa que nos deparamos a todo o momento com más traduções em todas as áreas e em diversos gêneros textuais. Um tradutor completo sabe utilizar-se não só de seu conhecimento bilíngue, mas também de seu conhecimento de mundo, intuição e conhecimento textual, das ferramentas tradutórias (dicionários físicos, virtuais, sites de consulta confiáveis, etc.) e, acima de tudo, de competência leitora. De acordo com o escritor e crítico literário Ricardo Piglia², é fundamental que o tradutor seja um leitor maduro e experiente, capaz de ver coisas que um leitor comum não alcançaria:

As perguntas que o tradutor propõe estão sempre situadas em questões centrais e muito específicas. Assim, pode-se ver o tradutor como um leitor extraordinário, justamente porque é dos poucos no mundo contemporâneo que lê o texto com um detalhamento e interesse extremo, a partir de uma posição extremamente concreta. (PIGLIA, 2011, p. 3).

Don Quijote é considerada a obra maestra de Miguel de Cervantes e a deflagradora do romance moderno. Uma curiosidade sobre a história do *Quijote*: o narrador que Cervantes constrói encontra um

1 Graduanda do curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

2 Tradução nossa.

original em árabe e pede a uma pessoa, que fala essa língua, que o traduza. O que lemos do capítulo nove ao quinze seria uma tradução do árabe.

A história versa sobre um homem que tinha uma vida comum em uma pequena província espanhola, até que começa a ler romances de cavalaria de maneira compulsiva, o que o leva à loucura. Tais romances contavam histórias fantásticas de cavaleiros que viviam as peripécias mais improváveis. Cansado de ler histórias inverossímeis, Cervantes critica de forma irônica e bem-humorada tais obras, escrevendo então sobre algo real. Depois desta publicação, a história literária mundial jamais seria a mesma.

É importante situar o gênero textual do texto traduzido. De acordo com Marcuschi (2002), “gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social”. Compreendendo isto, podemos localizar o texto como pertencente ao gênero textual romance e o seu tipo, a narração, que, por sua vez, tem o propósito de contar uma história passada em uma determinada época, ambientada em determinado local, com o objetivo de narrar os feitos de determinadas personagens.

A primeira tradução comentada neste artigo (T1), publicada em 2012 pela Penguin-Companhia das Letras, foi realizada pelo escritor, tradutor e cronista gaúcho Ernani Ssó. Ssó tem publicado livros para o público adulto e, principalmente, para o infantil, contando com mais de 50 obras traduzidas. Sua história com o *Quijote* é antiga. Com 19 anos, Ernani comprou um pequeno dicionário e um manual de espanhol, junto com o exemplar do romance. Depois de pouco estudo do idioma, tentou ler o livro, mas percebeu que teria grandes dificuldades logo no primeiro parágrafo. Com a decepção, abandonou um pouco Cervantes e partiu para leituras de escritores hispano-americanos, consideradas mais “tranquilas”. Anos depois foi publicada a tradução da obra ao português. Ernani leu esta e as posteriores, porém não gostou:

[...] comprei a tradução, mas me decepcionei: achei tudo muito chato. Pensei que Cervantes não podia ser aquilo. Depois, li as traduções brasileiras, mas não consegui me acertar inteiramente com nenhuma delas. Talvez seja birra minha, mas sentia que o livro perdia muito de sua vida e humor. Daí minha vontade de tentar recuperá-lo até onde fosse possível. (2012, n/p).

Então, na década de 1990, o escritor começou a traduzir o livro e enviar para algumas editoras, porém sempre rechaçado. O argumento das editoras era que não venderia, já que existiam outras traduções (4 no total). Somente em agosto de 2010, teve sua empreitada encorajada. Para finalizá-la, Ssó levou 2 anos.

A segunda tradução (T2) apresentada neste ensaio foi realizada pela autora do mesmo. Na disciplina de Tradução do Espanhol 4 (que versa sobre tradução literária), foi proposto pela professora Karina Lucena³ que fossem trabalhados textos de diferentes épocas e localidades, a fim de inferir as dificuldades das diferentes linguagens do espanhol ao longo dos tempos e da diversidade existente nos 20 países que têm esse idioma como língua oficial. Um dos textos trabalhados foi o primeiro capítulo da obra *Don Quijote de la Mancha*. Além de ser um livro com espanhol do século XVII, havia a intenção de contrastar com a tradução de Ernani, recém-lançada, sem ainda nenhuma crítica especializada registrada.

Ao iniciar a tradução, foi constatado que seria um trabalho de muito fôlego, tomando o restante do semestre somente com esse texto. Como não era o objetivo da disciplina, foi acordado que seria

3 Professora titular de Língua Espanhola e Literaturas Hispano-americanas na UFRGS.

traduzida apenas uma parte do capítulo, sobrando tempo para ver outros tipos de textos literários nas aulas.

Uma observação importante a ser feita é a de que a tradução de Ernani Ssó não foi lida antes que a tradução feita (T2) estivesse terminada, assim como nenhuma das outras 4 traduções existentes da obra.

Nas páginas que seguem, serão analisadas as decisões tradutórias tomadas por Ernani Ssó e por mim, dialogando sempre com algumas teorias tradutórias.

Análise

Ambas as traduções foram realizadas a partir da edição publicada em 2004 pela Real Academia Espanhola e Associação de Academias de Língua Espanhola, na ocasião do 400º aniversário de publicação de *Don Quijote*. Porém, a T1 se utilizou também da edição publicada pela Editora Cátedra, em 1998. A primeira edição citada apresenta muitas notas explicativas sobre expressões do espanhol do século XVII, o que facilita sobremaneira o trabalho de tradução.

Ernani defende uma tradução que facilite a vida do leitor (mesmo que, muitas vezes, seja ocasionada a perda de rimas), assim como a manutenção do humor contido no texto de Cervantes. A T2 compartilha desta visão do tradutor e acredita que se deve sempre tentar manter o estilo do autor. Mas quando isso se torna impossível (em algum momento é preciso entregar, libertar o texto; caso contrário, se ficaria eternamente pensando em uma solução), a melhor escolha é deixar o texto compreensível ao leitor. Parte-se do pressuposto de que o leitor de um *Quijote* não é ingênuo, possui certa bagagem de leitura e, nas palavras de Mary Kato (1993), é um "leitor maduro". Isso será explicado ao longo dos exemplos do trabalho.

Vamos às análises:

Original
PRIMERA PARTE DEL INGENIOSO HIDALGO DON QUIJOTE DE LA MANCHA Capítulo Primero Que trata de la condición y ejercicio del famoso y valiente Hidalgo don Quijote de la Mancha
T1 (Ernani Ssó)
O Engenhoso Fidalgo dom Quixote de La Mancha PRIMEIRA PARTE I QUE TRATA DA CONDIÇÃO DO FAMOSO E VALENTE FIDALGO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA E DE COMO A EXERCITA
T2 (Autora)
PRIMEIRA PARTE DO ENGENHOSO FIDALGO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA CAPÍTULO PRIMEIRO Que trata das condições e práticas do famoso e valente fidalgo dom Quixote de La Mancha

Já no título da obra é preciso tomar uma decisão. A Mancha é uma região natural, com paisagens áridas, que ocupa grande parte de três províncias da Espanha. Em português, a tradução natural seria "da Mancha", visto que a personagem pertence a essa região. Na T2, foi decidido manter o "de La Mancha", visto que já existem outras 4 traduções que já firmaram esta forma como um título fixo. Modificar isso provocaria estranhamento ao leitor. O tradutor precisa ponderar sobre um nome ou um termo que já se fixou em uma língua, sendo contraproducente uma tentativa de imposição de uma

outra tradução, mesmo que esta esteja gramaticalmente correta. Ernani também compartilha desse pensamento e justifica sua decisão no prólogo de sua tradução: "Preferi manter 'dom Quixote de la Mancha' e 'Dulcineia del Toboso', em vez de 'da Mancha' e 'do Toboso', porque esses nomes já atravessaram as fronteiras há muito tempo, assim como 'Cavaleiro da Triste Figura', embora, no caso, a figura se refira ao rosto do cavaleiro." (SSÓ, 2012, n/p)

Na edição da T1, há uma diferença. Após os prólogos, aparece o título completo do livro; na página seguinte, a sinalização de que é a "Primeira Parte". Somente depois da tradução dos versos preliminares da obra é que vem a frase "que trata da condição do famoso e valente fidalgo Dom Quixote de le Mancha e de como a exercita", precedida do número romano "I". Aqui o tradutor realiza duas modificações. Ao invés de "capítulo", trata de "I", suprimindo também o título, que inseriu anteriormente. Além disso, simplifica a frase que explica sobre o que falará o capítulo, fazendo uma inversão, transformando o substantivo "*ejercicio*" no verbo "exercita". Na T2, optou-se por manter a ordem do título original. Isso se justifica pelo fato de ser a tradução de apenas esse trecho do texto.

Existe uma divergência entre as duas traduções nesse trecho. Na T2, traduziu-se por "práticas", para fazer referência a essas atividades do fidalgo, pois se acredita que a palavra "exercita" esteja atualmente muito ligada à atividade física. Tal palavra adquiriu esse sentido devido à mutação natural da língua ao longo do tempo, e isso deve ser levado em consideração no momento de se realizar uma tradução, ainda que se pesquise a origem e o tempo de existência da mesma.

Original
En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, no ha mucho tiempo que vivía un hidalgo de los de lanza en astillero, adarga antigua, rocín flaco y galgo corredor. Una olla de algo más vaca que carnero, salpicón las más noches, duelos y quebrantos los sábados, lantejas los viernes, algún palomino de añadidura los domingos, consumían las tres partes de su hacienda.
T1 Ssó
Numa aldeia da Mancha, de cujo nome não quero me lembrar, não faz muito tempo vivia um fidalgo desses de lança no cabide, adarga antiga, pangaré magro e galgo corredor. Um cozido com mais carne de vaca que de carneiro, salpicão na maioria das noites, ovos fritos com torresmo aos sábados, lentilhas às sextas, algum pombinho de quebra aos domingos, consumiam três partes de sua renda.
T2 Autora
Em algum lugar de La Mancha, de cujo nome não quero me lembrar, não há muito tempo, vivia um fidalgo daqueles de lança aposentada, escudo antigo, cavalo magro e galgo corredor. Um cozido com mais gado que carneiro, requentado na maioria das noites, ovos com linguiça aos sábados, lentilhas às sextas e, de lambuja, um pombinho aos domingos, consumiam três quartos de suas posses.

Esta primeira parte do capítulo apresenta várias dificuldades de tradução. A primeira delas é a da palavra "*rocín*". Este é um cavalo considerado de baixa qualidade, não é um puro sangue. Os gaúchos possuem muitas raças desse animal e nomenclaturas específicas para cada uma delas. A opção da T1 apresenta a solução "pangaré magro". Porém, somente a palavra pangaré já traz intrínseco de que se trata de um animal magro, causando assim uma redundância. A T2 poderia ter deixado pangaré apenas, porém isso acabaria com o ritmo do texto, visto que todos os objetos listados na frase vinham acompanhados de um adjetivo: "adaga aposentada, escudo antigo...".

Com a palavra "*adarga*", a T1 traduziu por "adarga" e a T2 por "escudo". "Adarga" significa

escudo, enquanto “adaga” significa um tipo de faca. A solução da T2 mantém o ritmo do texto visto que “adarga” não é uma palavra de fácil compreensão, podendo causar até certa confusão ao leitor. Haverá outros exemplos desse tipo mais adiante.

Outra dificuldade veio com o nome dos alimentos, a começar por “salpicón”. Na T2, foi eleita a palavra “requentado”, feito das sobras de alimentos (geralmente feijão e arroz), as quais podem ser misturadas, retemperadas e reaproveitadas. Conhece-se como mexido ou revirado. No entanto, mesmo sendo este um prato comum no Brasil, recebe nomes diferentes em cada estado. Sendo assim, para respeitar o público leitor, é preciso fazer uma escolha que contemple a maior parte dos falantes do português brasileiro. Por isso, optou-se por “requentado”, fazendo referência ao “cozido”. O cozido é requentado e, na maioria das noites, esse é o cardápio da personagem.

A T1 traduziu por “salpicão”. Este é um prato feito com vários tipos de carne picada e se come frio. Em nossa cultura, “salpicão” é um tipo de salada, feita com carne (geralmente de frango), batata ou massa, maionese e outros legumes. É bem próximo do salpicão espanhol. Porém, o nosso não é um prato que se faz todo o dia e tampouco o era nos primórdios do Brasil. Dessa maneira, o leitor não teria o mesmo impacto e impressão de que o fidalgo vivia com poucos recursos, comendo as sobras de um prato principal, prejudicando a ideia de que dita personagem vivia com recursos módicos. Essa ideia pode ser vista já na descrição do cozido, que tinha mais carne de vaca do que de carneiro, pois a segunda é uma carne mais nobre, mais cara. Pode-se dizer que aqui, de acordo com o professor Lawrence Venuti, realizou-se uma “domesticação da tradução”: “[...] a tradução imita os valores linguísticos e literários de um texto estrangeiro, mas a imitação é moldada numa língua diferente que se relaciona a uma tradição cultural diferente.” (VENUTI, 2002, p. 120).

“*Duelos y quebrantos*” é um prato feito com ovos, qualquer pedaço de carne e especiarias. Hoje se encontra mais com linguiça ou presunto. É igual ao nosso omelete ou ovos mexidos, como é conhecido em algumas regiões. A T1 traduz por “ovos fritos com torresmo”. Na T2, escolheu-se “ovos com linguiça”. Foi eliminada a forma como são feitos os ovos (se fritos, cozidos, etc.). É sabido que o prato nada mais é que uma omelete, porém sabe-se também que é conhecido como ovos mexidos. Sendo assim, acredita-se que essa forma contempla um maior número de leitores. A forma como está na T1, opina-se, peca, pois “ovos fritos” remetem a outra imagem acústica.

Outras decisões menos complicadas, mas não menos importantes. “Lança no cabide” (T1) e “lança aposentada” (T2): ambas estão corretas gramaticalmente. “*Astillero*” é o objeto onde se pendura a lança e outros utensílios; no entanto, “aposentada” dá um ideia de desuso e deprecia mais a personagem. Também se pensou em “escudo velho” e não “antigo”, porém foi ponderado e percebido que poderia ser uma antecipação de uma série de enumerações que davam conta da decadência da personagem (“aposentada”, usada anteriormente) e isso seria antecipar informações ao leitor.

A T1 traduz “*añandidura*” pela expressão “de quebra”. Na T2, foi pensado em “lambuja”, por passar a noção de uma expressão um pouco mais antiga.

As três decisões feitas pela T2 anteriormente podem ser justificadas por Hurtado Albir. Em *Aquisição da Competência Tradutória*, a autora escreve sobre “habilidade e destrezas tradutória”, interpretando alguns conceitos apontados por outros autores. Um deles diz que uma dessas habilidades é a “[...] de gerar diferentes opções e de selecionar uma única delas em função dos fins específicos e do destinatário” (ALBIR, 2005, p. 23).

Original
El resto de ella concluían sayo de velarte, calzas de velludo para las fiestas, con sus pantuflos de lo mismo, y los días de entresemana se honraba con su vellorí de lo más fino.

Tenía en su casa una ama que pasaba de los cuarenta y una sobrina que no llegaba a los veinte, y un mozo de campo y plaza que así ensillaba el rocín como tomaba la podadera.
T1 Ssó
O resto dela gastava com um saio de lã cardada, calções de veludo para as festas e chinelos do mesmo tecido, e nos dias da semana se honrava com a melhor das burelinas. Tinha em casa uma criada que passava dos quarenta, uma sobrinha que não chegava aos vinte e um rapaz pau para toda a obra, que tanto encilhava o pangaré como empunhava o podão.
T2 Autora
O resto dela rematavam uma túnica de lã, calças de veludo para festas, com suas pantufas do mesmo tecido e, durante a semana, se honrava com sua fazenda mais fina. Tinha em casa uma ama que passava das quarenta, uma sobrinha que não chegava aos vinte e um faz tudo, que tanto encilhava o cavalo quanto pegava na podadeira.

Este trecho trata de como se vestia o protagonista do romance. Aqui temos diferenças interessantes entre as duas traduções. A T1 traduz "*sayo*" traduzido por "saio", e "*velarte*" por "lã cardada". "*Sayo*" era um tipo de casado usado nos séculos XVII e XVIII, que era acinturado e de comprimento até os joelhos. Acredita-se que o que leitor poderia associar mais facilmente a imagem original a uma "túnica", que também é um tipo de blusa ou casado mais comprido. "Saio" não parece uma boa decisão, por dificultar, assim, a vida do leitor.. O mesmo acontece com tradução de "*vellori*" por "burelinas", na T1. "*Vellori*" nada mais é do que um pedaço de tecido. Para saber o que são "burelinas", seria necessária a consulta a um dicionário, o que quebra com a fluidez do texto. Nesta decisão, se sobrepôs a subcompetência extralinguística à de conhecimentos de tradução, visto que o tradutor elegeu uma palavra que, talvez para este, seja presente em seu vocabulário, de fácil compreensão, sem pensar que esta poderia não ser usual e acessível à maioria dos leitores.

Já a solução encontrada na T1 para "*velarte*" vê-se mais acertada do que a da T2, pois não é somente lã: é uma lã com ranhuras. Traduzir apenas por lã soa como sonegação de informação e isso não é positivo, mesmo que não atrapalhe o sentido do texto. A função da tradução não é somente a de informar, mas também de fornecer o sentido do texto, respeitando a intenção do autor do mesmo.

Quando o narrador fala das pessoas que viviam com dom Quixote, utiliza uma expressão para se referir a seu empregado: "*mozo de campo y plaza*". A T1 traduziu pela expressão "pau para toda a obra"; a T2, para "um faz tudo". As duas estão corretas e cumprem o papel de fazer o leitor compreender exatamente o que fazia o tal empregado. Mas, aqui, se crê que a expressão utilizada na T1 é uma gíria muito forte e quebra as intenções do texto. Parece muito brusca. Isto gera uma contradição com a escolha de burelinas, por exemplo.

Original
Frisaba la edad de nuestro hidalgo con los cincuenta años. Era de complexión recia, seco de carnes, enjuto de rostro, gran madrugador y amigo de la caza. Quieren decir que tenía el sobrenombre de "Quijada", o "Quesada", que en esto hay alguna diferencia en los autores que de este caso escriben, aunque por conjeturas verisímiles se deja entender que se llamaba "Quijana". Pero esto importa poco a nuestro cuento: basta que en la narración de él no se salga un punto de la verdad.
T1 Ssó
Nosso fidalgo beirava os cinquenta anos. Era de compleição rija, seco de carnes, rosto enxuto, grande madrugador e amigo da caça. Dizem que tinha por sobrenome Queixada, ou Queijada, que nisso há desacordo entre os autores que escrevem sobre o caso, embora por

conjeturas verossímeis se entenda que se chamava Quixana. Mas isso pouco importa para nossa história: basta que em sua narração não se saia um ponto da verdade.
T2 Autora
Pesava sobre nosso fidalgo a idade de cinquenta anos. Era de constituição forte, seco de carnes, de rosto fino, grande madrugador e adorador da caça. Diziam que tinha o sobrenome de "Quixada", ou "Queixada". Neste ponto há divergências entre os autores que sobre este caso escrevem, ainda que por conjeturas verossímeis, se dá a entender que se chamava "Quixana". Porém, isto pouco importa para nossa história: basta que em sua narração não se mude uma vírgula da verdade.

No trecho acima, aparece a primeira nota explicativa da T2. Ler, nos dias de hoje, que os cinquenta anos de idade da personagem “pesavam sobre suas costas” causa estranhamento. Mesmo que o leitor tenha consciência de que é um texto do século XVII, defende-se que é um dado histórico importante mencionar que, nesta época, uma pessoa com essa idade era considerada extremamente velha. A citada nota da T2 diz: "No século XVII, a expectativa de vida era pouco maior do que 30 anos, sendo um homem de 50 anos, assombrosamente velho.". A palavra "*frisaba*" reforça a ideia de peso da idade. Com a tradução da T1, isso se perde e, inclusive, toma outro sentido, dizendo que a personagem ainda não tinha 50 anos, mas, sim, quase 50 anos.

Na tradução dos nomes que eram atribuídos ao protagonista, também há divergência. As decisões tomadas na T2 foram com o intuito de manter o número de letras, sonoridade e ritmo da narração, aproximando o máximo possível da língua de partida. Já na T1, é acrescentada uma letra em uma das palavras, e também é dado certo sentido para elas: "Queixada" e "Queijada". Neste ponto a preocupação das traduções foi distinta, sendo que a T1 intencionou dar sentido às palavras, enquanto a T2 quis aproximar-se mais do som e manter a forma gráfica mais próxima do original.

Na última expressão desse trecho, onde se reforça a ideia de que a importância está em contar a história do fidalgo de maneira fiel, há mais uma divergência entre as traduções. A T1 utiliza "não se saia um ponto da verdade" e a T2 "não se mude uma vírgula da verdade". Na T2, a decisão foi baseada no conhecimento sociocultural da língua materna, pois a expressão faz parte do vocabulário conhecido da tradutora, enquanto que a utilizada por T1 soa um pouco estranha, mesmo que seja perfeitamente compreendida.

Original
Es, pues, de saber que este sobredicho hidalgo, los ratos que estaba ocioso -que eran los más del año-, se daba a leer libros de caballerías, con tanta afición y gusto, que olvidó casi de todo el ejercicio de la caza y aun la administración de su hacienda; y llegó a tanto su curiosidad y desatino en esto, que vendió muchas fanegas de tierra de sembradura para comprar libros de caballerías en que leer, y, así, llevó a su casa todos cuantos pudo haber de ellos; y, de todos; ningunos le parecían tan bien como los que compuso el famoso Feliciano de Silva, porque la claridad de su prosa y aquellas intrincadas razones suyas le parecían de perlas, y más cuando llegaba a leer aquellos requiebros y cartas de desafíos, donde en muchas partes hallaba escrito: "La razón de la sinrazón que mi razón se hace, de tal manera mi razón enflaquece, que con razón me quejo de la vuestra formosura". Y también cuando leía: "Los altos cielos que de vuestra divinidad divinamente con las estrellas os fortifican y os hacen merecedora del merecimiento que merece la vuestra grandeza...".
T1 Ssó
Deve-se saber, então, que o aludido fidalgo, nos momentos em que estava ocioso - que

constituíam a maior parte do ano -, deu para ler livros de cavalaria com tanta paixão e prazer que esqueceu quase que por completo o exercício da caça, e até mesmo a administração de seus bens; e a tanto chegaram sua curiosidade e desatino que vendeu muitos pedaços de terra de plantio para comprar livros de cavalaria, levando assim para casa quantos havia deles; e, entre todos, nada lhe parecia melhor que os escritos pelo famoso Feliciano de Silva, porque a clareza de sua prosa e aqueles raciocínios intrincados lhe pareciam pérolas, principalmente quando lia os galanteios e cartas de desafios, onde em muitas partes achava escrito: "A razão da sem-razão que a minha razão se faz, de tal maneira debilita minha razão, que com razão me queixo de vossa formosura". E também quando lia: "Os altos céus que de vossa divindade divinamente com as estrelas vos fortificam e vos fazem merecedora do merecimento que merece vossa grandeza".

T2 Autora

É de se saber, também, que dito fidalgo, nos momentos em que estava ocioso (que eram a maioria do ano), se dedicava a ler livros de cavalaria, com tanta paixão e gosto que esqueceu quase que por completo a atividade da caça, inclusive a administração de suas posses. E foi tão grande sua curiosidade e desatino, que chegou ao ponto de vender muitos alqueires de terra de plantio, para comprar livros de cavalaria. E assim levou para casa todos quantos pode encontrar e, destes, nenhum lhe parecia melhor do que aqueles que escreveu o famoso Feliciano da Silva, pois a clareza de sua prosa e suas intrincadas ideias lhe pareciam pérolas, ainda mais quando lia aqueles galanteios e cartas de desafios, onde em muitas partes encontrava escrito: "A razão da sem razão que minha razão se faz, de tal maneira minha razão enfraquece, que com razão me queixo da vossa formosura". E também quando lia: "Os altos céus que de vossa divindade divinamente com as estrelas os fortificam e os fazem merecedora do merecimento que merece vossa grandeza...".

A partir desse parágrafo, começam a escassear as expressões e maiores dificuldades em relação às expressões do espanhol, ficando quase nulas. Porém, irão aparecer algumas decisões tradutórias e de estilo importantes.

Na primeira frase, o uso de "então", na T1, parece mais acertado do que o "também", utilizado na T2. O primeiro dá uma ideia de que a informação que vai ser dada sobre o Quixote é importante para a sua história e não apenas mais uma informação como as que foram dadas anteriormente.

Ao falar da caça, na T1, o tradutor volta a utilizar "exercício" como substantivo do verbo "exercer", o que, mais uma vez, soa como exercício físico. Na T2, optou-se por "atividade da caça", pois esta remete a um passatempo e não a um esporte, no caso desta personagem.

A T1 elegeu "pedaços de terra" para falar de "*fanegas*", que nada mais são do que "alqueires", palavra utilizada na T2. Ao pesquisar, constatou-se que alqueire é uma palavra muito utilizada em jornais, televisão e textos literários; sendo assim, pressupõe-se que o leitor de um Quixote é perfeitamente capaz de inferir o significado, preenchendo as lacunas com a sequência do texto: "terras de plantio". A escritora Mary Kato, em *O que fazemos quando lemos?*, apresenta o "modelo reconstrutor de leitura", que fala da compreensão entre autor e leitor, e classifica "tipos de leitores" conforme o grau de interação com o texto lido. Dito isso, se pode inferir que o público-leitor para o qual está direcionado é um "leitor maduro", capaz de aplicar, em sua leitura, habilidades para desfazer certos nós:

[...] ao levantar o problema do contexto, das hipóteses que o leitor avente e da busca seletiva que ele empreende para confirmar suas hipóteses, começa-se a

perceber que não é apenas o contexto linguístico imediato que é relevante para essa capacidade preditiva do leitor. O conhecimento prévio, que permite fazer previsões, pode advir do próprio texto ou de informações extratextuais que provêm de esquemas mentais do leitor. O foco não é mais a sentença, mas o texto. (KATO, 1993, p. 61)

A seguir, aponta-se para uma decisão de tradução importante. Na T2, decidiu-se por inserir notas de tradutor apenas para explicar uma situação histórica (como a já citada, explicando sobre a idade do Quixote), uma palavra para a qual não foi encontrado um equivalente ou que se preferiu manter no original, e dar explicação sobre personagens históricas. Neste parágrafo, começam a serem citadas diversas personagens de romances de cavalaria, sendo alguns destes históricos e outros não. Também são citados os autores desses romances, sendo o primeiro deles Feliciano da Silva. Acredita-se que o tradutor deva evitar ao máximo as notas, pois isso atrapalha muito a fluidez do texto e, conseqüentemente, a sua compreensão. Pode-se também dizer que Ernani Ssó compartilha da mesma opinião, o que pode ser verificado em participações em oficinas de tradução literária ministradas por ele, em leituras realizadas de ensaios e entrevistas dadas pelo mesmo sobre o tema, assim como em várias discussões sobre literatura e tradução. É possível constatar isso também pela observação do texto do escritor, que possui escassas notas de tradução. Albir enumera "subcompetências" necessárias para a formação de um tradutor. Entre elas está a "subcompetência estratégica" que

[...] tem um caráter central, pois controla o processo tradutório e serve para: planejar o processo e elaborar o projeto tradutório (escolha do método mais adequado); avaliar o processo e os resultados parciais obtidos em função do objetivo final perseguido. ativar as diferentes subcompetências e compensar deficiências entre elas; identificar problemas de tradução e aplicar os procedimentos para sua solução. (ALBIR, 2005, p. 29)

Como exemplificado no parágrafo anterior, infere-se que o leitor da obra de Miguel de Cervantes seja capaz de inferir, na T2, que as personagens que não foram postas em notas são integrantes dos livros de cavalaria lidos por dom Quixote.

Ao final deste parágrafo, há um equívoco na T2. Na última frase (que é uma citação da passagem de um texto de Feliciano da Silva), está sendo utilizada a segunda pessoa do plural: "vossa divindade". No original, o texto segue utilizando "os": "os fortifican". A T1 resolveu o problema, utilizando "vos fortificam", fazendo a referência correta ao sujeito da frase. Na T2 isso não foi percebido, e "os" seguiu sendo utilizado de maneira equivocada.

Original

Con estas razones perdía el pobre caballero el juicio, y desvelábase por entenderlas y desentrañarles el sentido que no se lo sacara ni las entendiera el mismo Aristóteles, si resucitara para sólo ello. No estaba muy bien con las heridas que don Belianís daba y recibía, porque se imaginaba que, por grandes maestros que le hubiesen curado, no dejaría de tener el rostro y todo el cuerpo lleno de cicatrices y señales. Pero, con todo, alababa con su autor aquel acabar su libro con la promesa de aquella inacabable aventura, y muchas veces le vino deseo de tomar la pluma y dalle fin al pie de la letra como allí se promete; y sin duda alguna lo hiciera, y aun saliera con ello, si otros mayores y continuos pensamientos no se lo estorbaran. Tuvo muchas veces competencia con la cura de su lugar -que era hombre docto, graduado en Cigüenza- sobre cuál había sido mejor caballero: Palmerín de Inglaterra o

Amadís de Gaula; mas maese Nicolás, barbero del mismo pueblo, decía que ninguno llegaba al Caballero del Febo, y que si alguno se le podía comparar era don Galaor, hermano de Amadís de Gaula, porque valentía no le iba en zaga.
T1 Ssó
Com essas palavras o pobre cavaleiro perdia o juízo e desvelava-se por entendê-las e arrancar-lhes o sentido, que nem o próprio Aristóteles o conseguiria nem as entenderia, se ressuscitasse apenas para isso. Não ficava muito convencido com os ferimentos de dom Belianís, porque imaginava que, por grandes que fossem os cirurgiões que o tivessem curado, não deixaria de ter o rosto e o corpo cheios de marcas e cicatrizes. Mas louvava no autor o fato de concluir o livro com a promessa de acabar aquela interminável aventura, ainda que muitas vezes tivesse vontade de tomar da pena e ele mesmo lhe dar fim ao pé da letra, como ali se assegura; e sem dúvida alguma o faria, e até o publicaria, se pensamentos maiores e contínuos não o estorvassem. Muitas vezes teve discussões com o padre - que era homem culto, formado em Sigüenza - sobre quem tinha sido melhor cavaleiro: Palmerín da Inglaterra ou Amadís de Gaula; mas mestre Nicolás, barbeiro do mesmo povoado, dizia que nenhum emparelhava com o Cavaleiro do Febo e que se algum podia ser comparado a ele era dom Galaor, irmão de Amadís de Gaula, porque tinha as melhores condições para tudo e não era cavaleiro melindroso nem tão choramingas como seu irmão, e que em matéria de valentia não ficava atrás dele.
T2 Autora
Com essas ideias, perdia o juízo o pobre cavaleiro e esforçava-se para compreendê-las e desvendar seu sentido, o que não descobriria nem entenderia o próprio Aristóteles se ressuscitasse somente para isso. Não se convencia com as feridas de Dom Belianís, pois imaginava que, por melhores que fossem os médicos que o tivessem curado, não deixaria de ter o rosto cheio de cicatrizes e sinais. Porém, admirava em seu autor que acabasse seu livro com a promessa de uma aventura interminável e, muitas vezes, lhe vinha o desejo de pegar a pluma e dar-lhe o ponto final, ao pé da letra, como ali se promete. E sem dúvida o faria, inclusive teria conseguido, se pensamentos mais fortes e constantes não o importunassem. Discutiu muitas vezes com o padre da região (um homem culto, graduado em Ciguënza), sobre qual era o melhor cavaleiro. Palmerín de Inglaterra ou Amadís de Gaula; <i>maese</i> Nicolás, barbeiro do mesmo povoado, dizia que nenhum chegava aos pés do Cavaleiro do Febo e que, se pudesse ser comparado com alguém, seria com Dom Galaor, irmão de Amadís de Gaula, pois se saía muito bem em qualquer condição, que não era cavaleiro chorão nem dengoso como seu irmão e que na valentia não ficava atrás.

Neste trecho, ambas as traduções apresentam formas diferentes de dizer o mesmo, sendo aí questão de estilo dos tradutores. Palavras como "sinais" (T1) e "marcas" (T2), são sinônimas.

Já no momento em que se fala que dom Quixote, por conta de tamanha fixação que possui pelas histórias fantásticas tem vontade de terminá-las quando o autor não o faz, percebe-se duas diferenças nas traduções. Na T1, "*pluma*" é traduzida por "pena". Na T2, utilizou-se "pluma", e essa decisão pode ser considerada um erro. Antigamente, eram utilizadas penas para escrever e não plumas, sendo esses objetos diferentes.

Na mesma frase, há uma expressão: "*al pie de la letra*". As duas traduções elegeram "ao pé da letra"; porém, utilizaram a expressão de maneiras diferentes nas frases. Na T1, "de tomar da pena e ele mesmo lhe dar fim ao pé da letra, como ali se assegura"; e na T2, "dar-lhe o ponto final, ao pé da letra, como ali se promete". Nota-se que a utilização das vírgulas em T2 modifica o sentido. Na T1, a

expressão está se referindo ao texto, em terminá-lo; enquanto na T2, ela se refere a dar um fim à história da maneira que o autor promete, referindo-se à promessa feita pelo autor do romance e de como iria terminá-la. Depois dessa sequência, no original, há o uso de ponto e vírgula. T1 mantém essa forma e T2 opta por utilizar ponto final.

Ao referir-se a um padre formado em uma universidade de menos prestígio, o original traz a palavra "Cigüenza". A grafia correta é com S e isto está explicado na edição da Real Academia Española. Na T1, isso é corrigido diretamente no texto, utilizando nota de tradutor apenas para explicar o sentido da palavra, visto que essa não teria um equivalente em português. Na T2, essa correção é feita apenas na nota de tradutor.

A palavra "*maese*" aparece para se referir a um barbeiro. "*Maese*" era uma figura que, na antiguidade, além de exercer a função de barbeiro, realizava pequenas cirurgias. A T1 traduziu por "mestre", o que parece uma decisão acertada. Porém, em T2, não foi encontrado um equivalente e optou-se, então, por manter a palavra original, explicando-a em uma nota de tradutor. Aqui se acredita que foi uma simplificação feita em T1.

Ao final do trecho, existem diferenças entre as traduções; no entanto, estas são somente referentes a estilo, e não geram maiores polêmicas.

Original
En resolución, él se enfrascó tanto en su lectura, que se le pasaban las noches leyendo de claro en claro, y los días de turbio en turbio; y así, del poco dormir e del mucho leer, se le secó el cerebro de manera que vino a perder el juicio. Llenósele la fantasía de todo aquello que leía en los libros, así de encantamientos como de pendencia, batallas, desafíos, heridas, requiebros, amores, tormentas y disparates imposibles; y asentósele de tal modo en la imaginación que era verdad toda aquella máquina de aquellas soñadas invenciones que leía, que para él no había otra historia más cierta en el mundo. Decía él que el Cid Ruy Díaz había sido muy buen caballero, pero que no tenía que ver con el Caballero de la Ardiente Espada, que de solo un revés había partido por medio de fieros y descomunales gigantes. Mejor estaba con Bernardo de Carpio, porque en Roncesvalles había muerto a Roldán, el encantado, valiéndose de la industria de Hércules, cuando ahogó a Anteo, el hijo de la Tierra, entre los brazos. Decía mucho bien del gigante Morgante, porque, con ser de aquella generación gigantea, que todos son soberbios y desconocidos, él solo era afable y bien criado. Pero, sobre todos, estaba bien con Reinaldos de Montalbán, y cuando en allende robó aquel ídolo de Mahoma que era todo de oro, según dice su historia. Diera él, por dar una mano de coces en el traidor de Galalón, al ama que tenía, y un a su sobrina de añadidura.
T1 Ssó
Enfim, ele se embrenhou tanto na leitura que passava as noites lendo até clarear e os dias até escurecer; e assim, por dormir pouco e ler muito, secou-lhe o cérebro de maneira que veio a perder o juízo. Sua imaginação se encheu de tudo aquilo que lia nos livros, tanto de encantamentos como de duelos, batalhas, desafios, feridas, galanteios, amores, tempestades e disparates impossíveis; e se assentou de tal modo em sua mente, que todo aquele amontoado de invenções fantasiosas parecia verdadeiro: para ele não havia outra história mais certa no mundo. Dizia que Cid Ruy Díaz tinha sido muito bom cavaleiro, mas que não se igualava com o Cavaleiro da Espada Ardente, que de um só golpe havia partido ao meio dois gigantes ferozes e descomunais. Sentia-se melhor com Bernardo del Carpio porque em Roncesvalles matara Roland, o Encantado, valendo-se da artimanha de Hércules, quando sufocou Anteu, o filho da Terra, entre os braços, e falava muito bem do gigante Morgante porque, apesar de ser daquela linhagem gigantesca de soberbos e descomedidos, era afável e bem-educado.

Mas, acima de todos, admirava Reinaldos de Montalbán, principalmente quando o via sair além-mar, carregou aquele ídolo de Maomé que era todo de ouro, conforme conta sua história. Para dar uns bons pontapés no traidor Ganelon, daria a criada que tinha e até sua sobrinha de quebra.

T2 Autora

Resumindo, ele se compenetrava tanto em sua leitura que passava as noites em claro e os dias dormitando. E assim, de pouco dormir e tanto ler, seu cérebro secou, de maneira que acabou perdendo o juízo. Encheu seu pensamento de tudo aquilo que lia nos livros, tanto de bruxarias quanto de duelos, batalhas, desafios, feridas, galanteios, amores, tormentas e absurdos impossíveis. E se enraizou de tal modo na imaginação, que era verdade todo aquele aparato daquelas sonhadas invenções que lia, que para ele não havia outra história mais certa no mundo. Dizia ele que o Cid Ruy Díaz havia sido ótimo cavaleiro, porém que não se comparava ao Cavaleiro da Ardente Espada que, de uma só vez, havia partido ao meio dois ferozes e descomunais gigantes. Gostava de Bernardo de Carpio porque em Rocesvalles, havia matado Roldán, o encantado, se valendo da artimanha de Hércules, quando sufocou Anteo, o filho da Terra, entre os braços. Falava muito bem do gigante Morgante porque, mesmo sendo daquela gente arrogante, onde todos são soberbos e descomedidos, ele só era afável e bem educado. Porém, acima de tudo, adorava Reinaldos de Montalbán e mais ainda quando o via sair de seu castelo roubando quantos visse e quando, em alto mar, roubou aquela imagem de Maomé, que era toda de ouro, segundo conta a história. Para dar um coça no traidor de Galalón ele daria sua ama e ainda, de lambuja, sua sobrinha.

Logo no princípio deste trecho, nos deparamos com uma expressão do espanhol: "*de claro en claro*" e "*de turbio en turbio*". A primeira poderia ser traduzida por "em claro"; mas não existe uma expressão equivalente para a segunda, sendo necessário, assim, inventar uma (o que nenhuma das traduções fez), ou perder o jogo de palavras e a rima. Na T1, ficou "passava as noites lendo até clarear e os dias até escurecer"; e na T2, "passava as noites em claro e os dias dormitando". Há uma inversão do sentido da frase. Na T1, é entendido que o Quixote passava os dias e as noites lendo, enquanto que na T2, que ele passava as noites lendo e os dias com sono. Aqui a questão se centra na interpretação do texto. Pode-se responder pela T2, que interpretou que a personagem não poderia ler durante todo o dia e toda a noite sem parar e dormir, nem que fosse por um momento. Por isso, acredita-se que a interpretação feita pela T2 é mais coerente; porém, é importante lembrar que a T1 vem sendo realizada há, pelos menos, 15 anos. Seria preciso perguntar ao tradutor da T1 como chegou a essa solução.

A última diferença importante entre as duas traduções é a da passagem onde o narrador se refere ao gigante Morgante. Quando ele fala que o gigante pertence a uma linhagem "gigantea", não está se referindo a pessoas gigantes, mas, sim, a pessoas esnobes. Isso se confirma com a sequência da narração, que diz que o Morgante era diferente, não sendo um "nariz empinado" como os outros. Essa solução foi encontrada por T2 através do exame de textos contidos no *Corpus del Español* da Real Academia Española. Apesar disso, a construção ficou estranha, tratando o gigante como parte de uma "gente arrogante". Aqui, acredita-se que a solução encontrada na T1 seja melhor, mesmo que a palavra se refira a pessoas esnobes.

T1 traduziu "*ídolo*" por "ídolo". Neste ponto, tem-se, mais uma vez, a subcompetência extralinguística. O tradutor da T1 tem presente "ídolo" como a palavra que refere a imagens de santos, enquanto a T2 tem "imagem" como a palavra que remete a esses objetos.

A última expressão a ser analisada é da tradução de "*mano de coces*". T1 traduziu por "dar uns pontapés" e T2 por "coça". Pela ideia de tradução que T1 propôs, acredita-se que essa escolha vai contra outras já tomadas, como utilizar a expressão "de quebra" ou "pau para toda a obra". Parece que

poderia ter mantido o plano de simplificação da vida do leitor, inserindo coça ou surra (está última, palavra que ocorreu após as leituras feitas para a análise).

Considerações Finais

Em se tratando de complexidade de leitura, descobriram-se algumas diferenças entre as traduções, através da ferramenta de análise textual *TextMeter*:

Índices	T1 - Ssó	T2 - Autora
Facilidade de leitura	36	51
Palavras	813	823
Média de palavras por frase	40.65	28.38
Média de sílabas por palavra	2.03	1.99
Comprimento médio da frase	239.20	166.34
Palavras únicas	435	431

Utilizando os parâmetros do índice *Flesch* de leitura, se verifica que a T2 apresenta uma facilidade superior à T1. O número de palavras do texto, assim como o de palavras únicas (o que indica riqueza textual), é quase o mesmo. Talvez o que faça com que a T2 apresente uma maior facilidade de leitura seja o tamanho e o número de palavras das frases, que é bem reduzido em relação à T1.

Percebe-se que Ernani Ssó realiza uma tradução muitíssimo bem pensada e calculada, visto que seu interesse pelo tema começou pela vontade de ser escritor e pela leitura do *Quixote*. O escritor não estudou formalmente tradução, sendo ele autodidata. Albir enumera tipos de modelos de aquisição de competência tradutória, sendo um deles o postulado por Toury, que trata da conversão de um bilíngue em um tradutor:

a questão crucial é como do bilíngue emerge o tradutor, sobretudo se ele está fora do sistema educacional. Este [artigo] considera que a atividade tradutória [...] é uma produção comunicativa e, por conseguinte, um ato interativo em que o *feedback* do entorno social desempenha um papel crucial. (ALBIR, 2005, p. 25)

Seu projeto tradutório visa sempre à fluidez do texto e fidelidade ao leitor. Essas palavras são sempre repetidas por Ssó, sempre que se conversa sobre literatura com ele. Quando começou a ler *Don Quixote* e esbarrou na dificuldade do espanhol, zarpou rumo a leituras consideradas mais fáceis: a dos escritores hispano-americanos. Assim, conheceu Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, entre outros. Sempre que se fala na tradução de alguma obra desses escritores, Ernani comenta sobre a perda da fluidez e do humor dos originais. Em sua tradução, tenta recuperar esse humor e fluidez supostamente perdidos em outras traduções. No trecho do capítulo analisado, pode-se perceber a "mão" do tradutor, podendo-se quase ouvir o próprio narrando a história. Talvez essa impressão se dê pelas demasiadas vezes em que se escutou Ernani falar sobre tradução. Mas o fato é que, sem sombra de dúvida, imprime sua marca na tradução, chegando a simplificar em demasia (acredita-se) certas passagens. Porém, por algumas vezes, ao longo do texto, parece retornar ao estilo mais rebuscado de escrever, o que causa certa contradição em sua proposta. Pode-se formular a hipótese de que a escolha de algumas palavras em detrimento de outras pode ter a ver com a vivência e idade do tradutor. Algumas palavras que para ele possam parecer correntes e integrar seu vocabulário, para um leitor de 30 anos podem ser incompreensíveis. Aqui se verifica o uso da subcompetência extralinguística do tradutor, que se baseia

no conhecimento de mundo do tradutor.

A T2 foi realizada em uma disciplina do curso de Letras, com o intuito de contrastar com a T1. O tempo total de duração do trabalho de tradução deste pequeno trecho, entre realização e discussões acerca das decisões em aula, foi de cerca de um mês. As diferenças desta para a tradução realizada por Ssó são muitas. Além de ser um tradutor experiente, o escritor passou sua vida pensando em soluções para este texto.

Outro fator importante é a bagagem leitora. Ernani é um leitor voraz de literatura de língua espanhola e grande conhecedor de estilos de autores distintos. Obviamente não substitui a necessidade de um grande conhecimento das línguas de chegada e partida, o saber onde e como procurar soluções para certos problemas enfrentados; mas essa bagagem é vital para a formação de um bom tradutor literário.

Buscou-se fazer este trabalho realizando uma leitura tradutória, a fim de identificar a intenção do autor e respeitar, dentro do possível, suas escolhas e estilo. Afirma-se aqui a importância deste tipo de tradução para a aquisição de uma competência tradutória, que é, de acordo com Albir (2005, p.26), um "processo de automatização gradual e de reflexão crítica sobre as próprias intuições. À medida que o conhecimentos especializado avança, aumenta a habilidade para reconhecer traços situacionais e escolher estratégias apropriadas cada vez mais automatizadas e intuitivas."

O tradutor literário lida com temas de culturas diferentes, dialetos, gírias, etc. Um tradutor de textos técnicos terá, sim, que estudar os termos de determinada área; porém, depois de especializado em uma área (médica, por exemplo), terá sempre uma base para onde recorrer. Na literatura, cada vez que se inicia a tradução de um novo texto, depara-se com uma terminologia nova. Deixa-se aqui a reflexão e a defesa de um tratamento mais sério a tradução literária e, principalmente, ao tradutor literário.

Acima de tudo, foi possível confirmar, com este trabalho, que uma tradução, por melhor planejada e bem calculada que seja, e mesmo que realizada sob ótimas condições de trabalho (materiais e psicológicas), nunca será perfeita e muito menos inquestionável.

Referências

ALBIR, A. H. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos In: PAGANO, A; MAGALHÃES, C; ALVES, F. (Org.). **Competência em Tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 19-57.

CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de la Mancha**. Madrid: Real Academia Española, 2004.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. Tradução de Ernani Ssó.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

PIGLIA, Ricardo. **Tradición y Traducción**. In: Conferencia dictada al celebrarse la inauguración el Magíster en Literatura Comparada de la Facultad de Artes liberales de Universidad Adolfo Ibáñez.

Santiago, Chile. 17 mar. 2011. Disponível em:

<http://www.uai.cl/images/sitio/facultades_carreras/esc_artes_liberales/master/literatura_comparada/Tradici%C3%B3n%20y%20traducci%C3%B3n%20Ricardo%20Piglia.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2014.

SSÓ, Ernani. O engenhoso tradutor e sua longa batalha com Cervantes e o Quixote. **Sul21**, Porto Alegre, 2012. Entrevista concedida a Milton Ribeiro. Disponível em:

<<http://www.sul21.com.br/jornal/destaques/o-engenhoso-tradutor-e-sua-longa-batalha-com-cervantes-e-o-quixote>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

SSÓ, Ernani. Ernani Ssó: o fiel escudeiro de Cervantes. **Textostelona**, Porto Alegre, 2013. Entrevista concedida a Luiz Gonzaga Lopes. Disponível em:

<<http://textostelona.blogspot.com.br/2013/05/ernani-sso-o-fiel-escudeiro-de-cervantes.html>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos de tradução**. São Paulo: EDUSC, 2002.

Sites consultados

Real Academia Española – Corpus de Referencia del Español Actual (CREA). Disponível em:

<<http://corpus.rae.es/creanet.html>>. Acesso em: 23 jun. 2014.